

Nesta orelha não autorizada, publicada a revelia do autor (mas quem é o autor?), gostaria de dar a ver a verdade (mas qual verdade? – posso escutá-lo rindo zombeteiro; ele, que soube antes de todos de sua geração que não há verdade, muito menos verdades literárias) sobre Luís Braz e sua escrita. Ou, pelo menos de sua escrita, porque jamais saberemos (ele saberia?) a verdade de homem algum, muito menos dessa figura esguia e enigmática, a um só tempo audaz e tímida. Entre Nelson de Oliveira e Luís Braz, ali, talvez, no momento (para nós, leitores) imperceptível, ínfimo, que existe entre a primavera e o verão, a cara e a coroa, o chão e a sombra, ali, talvez, nesse *aleph* metafísico, se revele de forma mais poderosa ao leitor sensível (necessariamente também um viajante em desvario, de amplos e profundos continentes) essa escrita prolixa, e portanto insistente e generosa, instigante e libertária. Durante as últimas três décadas, o autor produziu dezenas de romances, contos, ensaios e críticas da mais alta fidelidade literária, explodindo o tempo e o espaço e revelando, antes de mais nada, uma realidade absurda, solitária, labiríntica e muitas vezes cruel. Alguns dos melhores textos publicados no Brasil (e que talvez melhor revelem a condição acossada e encurralada em que aos poucos fomos nos encontrando, no contexto eufórico de uma democracia totalitária, dentro de um sistema político corrupto, numa economia predatória, com serviços absurdamente caóticos) foram escritos por esse viajante duplo, ansioso por partir, mas desesperançado, que se situa no espaço forjado entre as máscaras de Nelson e Luís – ou seja lá quais outras. Essa *pequena coleção de grandes horrores*, que tenho a honra de publicar, soma-se a esse caudal de textos poderosos e imprescindíveis do autor, cuja potência, para além do evidente valor literário, configura-se em uma intervenção política.